



A CONSTRUÇÃO DA RETOMADA

País deixou a recessão e coleciona indicadores positivos, como inflação sob controle, menor taxa de juros da história e balança comercial recorde

Em maio de 2016, a inflação anual estava perto de dois dígitos, a taxa Selic, usada como parâmetro pelas instituições financeiras para balizar créditos, financiamentos e empréstimos oferecidos no mercado, resvalava em 15% (o índice mais alto em uma década), a indústria patinava, o setor de serviços sofria com o declínio da renda, os empregos haviam desaparecido, a confiança do consumidor e do empresariado tinha chegado aos patamares mais baixos da história e todos os especialistas faziam prognósticos apocalípticos a respeito do futuro do país.

Passados dois anos, a nação deixou a UTI econômica. A inflação foi domada e atingiu os níveis mais baixos em 24 anos, a taxa Selic encolheu para o menor patamar da história, a indústria e o comércio começaram a operar no azul, mais vagas de empregos surgiram, o otimismo ressurgiu no meio empresarial e entre os consumidores, ainda que de forma moderada. O Brasil, enfim, deixou para trás a avalanche de indicadores negativos para enxergar um horizonte melhor.

Um passo importante na virada ocorrida nos últimos 24 meses envolveu o controle rigoroso das contas públicas. No fim de 2016, foi aprovada a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que limitou o aumento dos gastos federais por até 20 anos. Com a chamada PEC do Teto, o governo federal mandou um recado claro a investidores: a partir daquele momento, o país estava comprometido a gastar com responsabilidade, algo raro na história da República. Foi um remédio duro e de certa forma impopular, mas indispensável para garantir a saúde das finanças do país. "Há hoje um controle maior do orçamento e o mercado de trabalho apresenta uma recuperação gradual", diz o economista Gustavo Loyola, ex-presidente do Banco Central. "A economia voltou a crescer, e esse crescimento veio para ficar."

Em abril de 2016 a taxa acumulada de inflação nos 12 meses anteriores estava em 9,28%. O índice atual não chega a 3% - em abril de 2018, alcançou o patamar mais baixo em 24 anos. No campo econômico, não há nada mais devastador do que a disparada de pre-

Fábrica da Chery Motors, em Jacareí, interior de São Paulo: as vendas de veículos novos aumentaram 15,6% no primeiro trimestre de 2018, em comparação ao mesmo período do ano passado



Loja de eletrodomésticos: consumo ganhou impulso com a queda da inflação e as taxas de juros menores

ços. Em países estáveis e com economia desenvolvida, uma taxa ao redor de 3% é considerada ideal para o crescimento do PIB. É exatamente nesse patamar que o Brasil se encontra agora. Não à toa, em março as vendas do varejo brasileiro cresceram 2,6% ante o mesmo mês do ano passado. Com preços estáveis, o salário ganha musculatura e as pessoas se dispõem a comprar mais.

Inflação sob controle e juros baixos são a combinação perfeita nas economias saudáveis. Nos últimos dois anos, o Banco Central decidiu atacar os juros altos. Resultado: a Selic (taxa básica de juros definida pelo Banco Central) encolheu de 14,25%, em abril de 2016, para 6,5% em abril de 2018, o menor patamar da história. Com juros menores, o crédito fica mais barato, o que é bom para as empresas e ótimo para os consumidores. Quanto mais crédito disponível na praça, mais veloz é a retomada do crescimento. Para estimular a retomada do consumo interno, o governo liberou o saque de contas inativas do FGTS, ajudando a injetar 44 bilhões de reais na economia. O aumento da oferta de crédito e o avanço da renda dos trabalhadores impulsionaram diversos setores. No primeiro trimestre de 2018, por exemplo, as vendas de veículos novos subiram 15,6%, segundo dados da Anfavea, a associação dos fabricantes.

Os sinais positivos resgataram um valor inestimável para qualquer governante: a

Avanços na saúde e na área social

A camada mais pobre de brasileiros foi a que mais sentiu na pele os problemas provocados pelos anos de recessão econômica. Não por acaso, essa fatia da população recebeu atenção especial nos últimos dois anos. Em maio de 2015, havia quase 2 milhões de famílias aguardando na fila para ter direito aos benefícios do programa Bolsa Família. A espera hoje é inferior a um mês, como resultado de uma série de ações para combater fraudes e erradicar abusos. O valor do benefício recebeu um reajuste de 12,5% em 2016. Em julho, entra em vigor um novo aumento, desta vez de 5,67%. A exemplo do índice anterior, ele também supera o valor da inflação. Na saúde, ampliou-se consideravelmente o acesso aos serviços, o que gerou um número recorde de atendimentos. Atualmente, 75,8% da população recebe cobertura da Atenção Básica, com 42 616 Unidades Básicas de Saúde funcionando.

confiança em suas ações. Sem confiança, os empresários não investem, o cidadão não consome. A boa notícia é que, de acordo com os indicadores recentes, parece ter ficado para trás o quadro de grande pessimismo registrado por aqui nos últimos tempos. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, o Índice de Confiança do Consumidor chegou a 89,4 pontos em abril de 2018. Há dois anos, estava em 64,4 pontos. Entre o empresariado, a percepção é a mesma: os valores passaram de 70,4 pontos, em abril de 2016, para 93,4 pontos em abril de 2018.

O Brasil é um país marcado por uma série de entraves que freiam o desenvolvimento. Reguladas por uma lei criada nos anos 1930, as regras trabalhistas eram um impeditivo para investimentos e contratações. Com a reforma que entrou em vigor em novembro do ano passado e que simplificou o cipoal de leis e normas que regem o trabalho, o ambiente de negócios se tornou favorável à geração de empregos. Segundo projeções da Tendências Consultoria, o Brasil deve abrir algo em torno de 1 milhão de vagas em 2018 decorrentes do reaquecimento da atividade econômica e do ambiente de maior segurança jurídica para as empresas.

Entre os principais desafios impostos ao país, nenhum é tão urgente quanto a recuperação do emprego. Nesse aspecto, o Brasil tem ainda um longo caminho pela frente. Em 2016, o país perdeu 1,3 milhão de postos formais. Em 2017, o contingente despencou para 20 000. Em 2018, todos os especialistas projetam melhora no indicador. O desemprego é o último obstáculo a ser superado em recessões profundas como as vividas pelo Brasil entre 2015 e 2016. Nos três primeiros meses de 2018, os indicadores têm oscilado, mas é consenso que o ambiente de negócios mais favorável estimulará a abertura de vagas nos próximos meses.

As reformas realizadas pelo governo Temer e a manutenção dos fundamentos econômicos ajudaram o país a quebrar diversas marcas em 2017. A balança comercial brasileira registrou no ano passado superávit (exportações maiores que importações) de 67 bilhões de dólares, o melhor resultado desde o início da série histórica do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em 1989. Alcançar superávit na balança comercial é importante por um motivo principal: os recursos obtidos com o volume expressivo de exportações são revertidos para o próprio país, na forma de investimentos feitos pelas empresas. Na agricultura, um dos setores mais pulsantes da economia, o Brasil também brilhou no ano passado com a safra recorde de 237,7 milhões de toneladas.

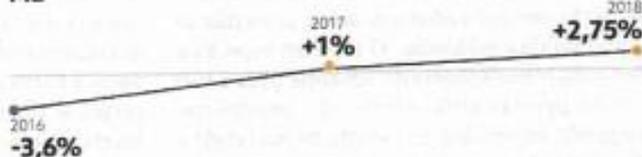
Recuperação em curso

Uma série de indicadores positivos mostra que o país está saindo da UTI econômica

SALDO DA BALANÇA COMERCIAL



PIB



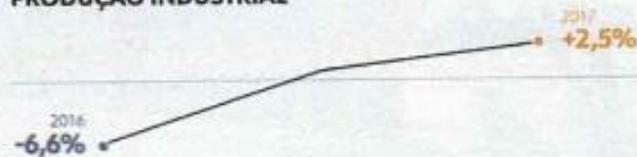
TAXA SELIC



INFLAÇÃO



PRODUÇÃO INDUSTRIAL



IBOVESPA



1. PROJEÇÃO BOLETIM FOCUS 2. ACUMULADA 12 MESES FONTE: MDIC

As privatizações voltaram ao centro dos debates. Em março de 2017, os aeroportos de Porto Alegre, Florianópolis, Salvador e Fortaleza foram arrematados, o que rendeu aos cofres público 3,7 bilhões de reais, com ágio de 93,75% sobre a oferta mínima do leilão. Cinco meses depois, foi a vez de o Ministério de Minas e Energia anunciar a proposta de redução da participação da União no capital da Eletrobras. O caso da estatal de energia em dificuldades financeiras é exemplar. Três razões principais mostram a importância de privatizar a gigante brasileira. Com uma mudança desse tipo na administração, a Eletrobras tem chances de se tornar mais lucrativa – e ser mais rentável significa aumentar a capacidade de fazer investimentos e, assim, gerar riqueza para o país. O segundo motivo diz respeito às contas públicas. A desestatização desobriga o governo a despejar recursos numa empresa deficitária, recursos esses que poderão ser aplicados em áreas prioritárias como saúde e educação. O terceiro aspecto a favor da transferência do controle para a iniciativa privada afeta o bolso dos brasileiros. Segundo especialistas, a conta de luz tende a ficar mais barata, o que representa um ganho extraordinário para toda a sociedade. “Com a privatização, haverá ganhos de eficiência e, portanto, custos tarifários menores para os

consumidores”, diz Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil.

O setor energético é apenas um entre inúmeros gargalos brasileiros. Aproveitar melhor o potencial do país para trazer divisas de visitantes de fora passou a ser uma questão encarada de forma mais séria com o Plano Brasil + Turismo. A meta é chegar à marca de 12 milhões de turistas estrangeiros até 2022, praticamente dobrando a média atual. Com isso, a receita cambial trazida pelo setor pode saltar de 6 bilhões para 19 bilhões de dólares no período. Poucas áreas no país são tão atrasadas quanto a infraestrutura. Para mudar esse cenário, o governo aposta no Programa Avançar Parcerias, que destravará empreitadas vitais para o país, a exemplo do Projeto de Integração do Rio São Francisco. Os 217 quilômetros do Eixo Leste foram concluídos em 2017, abastecendo 1 milhão de pessoas em 32 municípios de Pernambuco e da Paraíba. Até o fim de 2018, devem ser entregues os 51 quilômetros do Eixo Norte. Nos últimos dois anos, a lista de realizações somou mais de 70 projetos, totalizando 146 bilhões de reais em investimentos. Em 2018, outros 101 bilhões de reais estão sendo aplicados. Os aportes têm como destino rodovias, terminais portuários, aeroportos, ferrovias, além dos setores de óleo e gás, energia elétrica e mineração. ■

Movimento no porto de Santos: o crescimento das exportações gerou superávit na balança comercial

